

A EDUCAÇÃO E O “EMPODERAMENTO” FEMININO NA SOCIEDADE ROMANA: AS MULHERES DA GENS SEMPRONIA

EDUCATION AND FEMALE "EMPOWERMENT" IN ROMAN SOCIETY: THE WOMEN OF GENS SEMPRONIA

Renata Cerqueira Barbosa*
renata7barbosa@hotmail.com

RESUMO: Ao pensar a respeito das aproximações entre a História e os sentimentos humanos por meio da perspectiva dos estudos de gênero, propomos uma análise da educação das mulheres romanas em seu contexto social, pensando a educação como forma de empoderamento na sociedade romana, a partir do caso das mulheres da Gens Sempronia, especificamente Cornélia Africana e Semprônia Graco. Mulheres educadas, que despertavam sentimentos ambivalentes que iam da admiração ao desprezo, devido à educação e influências recebidas em seus contextos históricos. Desta forma, ao considerar a articulação de fatores de discriminação no processo de construção da imagem feminina, entendemos que a questão educacional "empodera" pois inclui as mulheres nos papéis sociais, levando à indignação por parte da sociedade romana patriarcal.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Empoderamento, Estudos Clássicos.

ABSTRACT: When thinking about the approximations between history and human feelings through the perspective of gender studies, we propose an analysis of the education of Roman women in their social context, thinking about education as a form of empowerment in Roman society, from the case of the women of Gens Sempronia, specifically Cornelia Africana and Sempronia Graco. Educated women, who aroused ambivalent feelings ranging from admiration to contempt, due to the education and influences received in their historical contexts. Thus, by considering the articulation of discrimination factors in the process of constructing the female image, we understand that the educational issue "empowers" because it includes women in social roles, leading to indignation on the part of patriarchal Roman society.

KEYWORDS: Education, Empowerment, Classical Studies.

Pensar a respeito da educação das mulheres na antiguidade clássica têm sido meu tema de pesquisa nos últimos anos. Trata-se de compreender as consequências desta educação feminina e os sentimentos que ela desperta tanto para a sociedade do período, quanto para a família a qual pertence. Neste sentido, faz-se necessário pensar a temática em uma perspectiva que leve em conta as articulações de categorias de análise, pensando em fatores de discriminação presentes no contexto da sociedade a ser analisada.

Os estudos feministas, a partir da década de 1990, estão marcados pela emergência de categorias que aludem à multiplicidade de diferenciações que, articulando-se a gênero, permeiam o social. São as categorias de articulação e as interseccionalidades. Algumas autoras optam por um desses conceitos, outras utilizam ambos alternativamente. Na década de 2000,

* Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Campus de Assis. Atua no ensino Fundamental e Médio e é professora colaboradora Adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

a utilização dessas categorias esteve amplamente difundida. No entanto, assim como o conceito de gênero, essas categorias adquirem conteúdos diferentes segundo as abordagens teóricas das autoras que com elas trabalham (PISCITELLI, 2008, p. 263)

Sendo criado pela jurista norte-americana Kimberlé W. Crenshaw em 1989, o termo *interseccionalidade* passou a ser mais utilizado a partir do nosso século, principalmente pelos profissionais das Ciências Sociais. Crenshaw (2002) propõe que assim como é verdadeiro o fato de que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas ao peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores tais como classe, casta, raça, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual pesam na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação. A autora ensina que as desigualdades relacionadas à classe, gênero ou raça não são simplesmente passíveis de hierarquização: é a interação dessas categorias que atuam na produção e manutenção das desigualdades (RIOSA & SOTEROB, 2019, 2).

Segundo Crenshaw, as interseccionalidades são formas de capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo, patriarcalismo. Essa noção de ‘interação’ entre formas de subordinação possibilitaria superar a noção de superposição de opressões.

Nas palavras de Adriana Piscitelli (2008, 267):

A interseccionalidade trataria da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, confluindo e, nessas confluências constituíam aspectos ativos do desempoderamento. A imagem que ela oferece é a de diversas avenidas, em cada uma das quais circula um desses eixos de opressão. Em certos lugares, as avenidas se cruzam, e a mulher que se encontra no entrecruzamento tem que enfrentar simultaneamente os fluxos que confluem, oprimindo-a. Essa formulação retoma a ideia de patriarcado. Na verdade, a linguagem parece remeter aos textos da década de 1970: patriarcalismo, experiência, subordinação. Diferentemente das formulações feministas da segunda onda, porém, na elaboração de Crenshaw, gênero não é o único fator de discriminação. Outros fatores estão operando conjuntamente.

Partindo do conceito de interseccionalidade, podemos pensar outros fatores de discriminação, conforme a sociedade e períodos analisados. Tendo em vista que este artigo se propõe a tratar de mulheres educadas, mas que não trazem as três categorias (gênero, raça e classe social), analisaremos as articulações que despertaram o preconceito às mulheres na sociedade romana. Mulheres educadas que se envolviam na política de forma pública despertavam vários sentimentos na sociedade do período, partindo da admiração à aversão.

Nesse sentido, veremos como a educação pode ser um fator que articulado ao gênero e classe social proporciona o empoderamento de mulheres da elite da Roma republicana, despertando sentimentos de intolerância e repulsa em alguns autores antigos.

Cecília Sardenberg, tendo por objetivo formular um quadro teórico-metodológico sobre o conceito de *empoderamento de mulheres* a partir de uma perspectiva feminista, afirma que, apesar das origens “radicais” do conceito de *empoderamento*, ele surgiu da “práxis” para a teoria, sendo utilizado em um primeiro momento por ativistas feministas e por movimentos de base, para posteriormente se tornar objeto de teorização (SARDENBERG, 2009), (AITHAL, 1999).

Para além de outras possíveis interpretações, as feministas entendem o empoderamento de mulheres, como um processo da conquista da autonomia e da auto-determinação. Trata-se ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica na libertação das amarras da opressão de gênero e da opressão patriarcal (SARDENBERG, 2009).

Pode-se pensar em anacronismo ao utilizar o conceito de “empoderamento” e sua aplicação para análise na sociedade romana. Contudo, tendo em vista a necessidade de buscar novas formas e conceitos para a análise da antiguidade, entendemos que a questão educacional “empodera”, pois inclui as mulheres nos papéis sociais. Neste sentido, utilizaremos este conceito tendo em vista que as mulheres da elite deveriam seguir determinados padrões de comportamento que diziam respeito à sociedade patriarcal, em que o objetivo seria propiciar filhos legítimos e manter a casa sob controle.

Ao estudar mulheres educadas na sociedade romana fica-se impressionado pela escassez de mulheres de aprendizagem mencionadas em nossas fontes. Emily Hemelrijk (1999, 7), utiliza o termo *matrona docta*, para se referir às mulheres educadas e casadas, porém, este termo não está presente na literatura latina. É uma mistura de *matrona*, classificada como uma mulher romana casada, e *puella docta*, cujos louvores foram cantados na poesia de amor. Ambos os termos são carregados com os valores morais. A *matrona* está intimamente associada com os valores femininos tradicionais, como a castidade, a modéstia, austeridade, domesticidade e devoção ao marido e filhos. Em contrapartida, a *puella docta* da poesia de amor do século de Augusto foi elogiada por suas realizações culturais (em poesia, música e dança), mas aos olhos romanos tradicionais sua moral levantou suspeitas; além

disso, a *puella docta* típica não parece ter pertencido à elite. Detecta-se a falta de um termo para designar uma mulher respeitável, educada, contrapondo a reputação duvidosa da *puella docta*, o que indica como os sentimentos romanos eram ambivalentes, no que diz respeito à educação das mulheres (BARBOSA, 2019, 71).

Apesar de toda a educação destinada às mulheres ser voltada ao casamento, existiam mulheres que escolhiam outra alternativa para além do casamento e da maternidade. É talvez compreensível que quase não tenhamos ouvido falar de nenhuma mulher famosa que tenha sido “docta” na sociedade romana. No entanto, como veremos, algumas mulheres da elite eram altamente qualificadas. Então, o que pode ter causado sua obscuridade no mundo da educação, é a interrogação que ecoa através da história.

Sob o principado romano, a educação sofreu uma mudança de atitude: com a paz e prosperidade do período e o declínio do poder político da classe senatorial, as atividades intelectuais ganharam estima. Isso deu mais espaço para atividades que tinham pouco valor prático ou haviam sido consideradas frívolas antes, no entanto, os membros da classe senatorial sempre se mantiveram amadores em atividades intelectuais literárias. A pretensão do amadorismo que diz respeito às atividades intelectuais foi de grande importância para a atitude das classes superiores em relação à educação, e uma vida inteiramente dedicada ao estudo era incomum, levando em conta as atividades esperadas dos membros da classe equestre e decurial.

As mulheres da elite também foram afetadas por este *ethos* amador; por um lado, pode ter facilitado a sua participação, e, por outro, foi proibida a vida dedicada ao estudo, uma vez que isso ia contra as tradições de sua posição social (e sexo). É claro, o “lazer” das mulheres difere fundamentalmente do “lazer” dos homens: ao serem impedidas de participação política e assuntos militares, as mulheres da elite, cujas vidas passavam, ou era esperado que passassem na privacidade de suas casas e famílias, foram condenadas a uma vida de *otium* (o que não quer dizer que elas não tinham nada para fazer). Será que este *otium* lhes permitiu dedicar suas horas de lazer para estudar, o que seria comparável ao *otium honestum* de seus pares masculinos? Não, não há contraparte feminina do respeitoso *doctus* qualificado, o que denota um homem de cultura, formado em artes liberais e conduta civilizada; no entanto *docta* às vezes é usado para uma mulher, mas nem sempre é entendida como um elogio, isso não implica que a educação foi considerada inadequada para todas as

mulheres e que as distinções de classe eram de nenhuma consequência. As questões eram mais complicadas: riqueza, histórico familiar e outros fatores relacionados com a posição social das mulheres da elite interagiram com o gênero na determinação da natureza de sua educação (HEMELRIJK, 1999, 8).

Nos últimos anos, uma série de excelentes estudos sobre a vida das mulheres têm surgido, tratando de sua posição jurídica, financeira e social na sociedade e seu lugar dentro da família romana. No que diz respeito a estes estudos, três questões são de importância: a mudança de posição das mulheres da elite no seio da família, nas diferentes fases de sua vida (filha, esposa, mãe e viúva), segundo; sua relação com as três principais ordens, e, terceiro; as normas e regras de prescrição do comportamento da matrona. Argumenta-se que a posição social das mulheres foi marcada pela ambiguidade, por seus antecedentes familiares e pelos vários papéis cumpridos dentro da família nas sucessivas fases de sua vida.

A plena participação na vida social, foi obtida por meio do casamento: as mulheres eram esperadas para entreter os convidados de seus maridos e acompanhar seus maridos em visitas sociais e jantares. Nos bastidores, uma mulher poderia estar envolvida nos negócios do marido, na gestão de suas propriedades e em sua carreira política. Embora excluída da vida política ativa, ela era esperada, por exemplo, para manter suas conexões políticas e informá-lo da situação de Roma durante suas ausências no exterior para os deveres militares ou outras atividades. A partir do reinado de Tibério em diante, esposas foram autorizadas a acompanhar seus maridos quando eles iam como magistrados para as províncias.

Ao passo que a mulher gera filhos, seu status e sua autoridade na família crescem. Como tem sido demonstrado por Dixon (2013), uma mãe da elite romana teve um papel autoritário e disciplinar na educação dos seus filhos, o que não difere muito da do pai. Sua autoridade aumentou quando ela ficou viúva: graças à sua riqueza e ao respeito devido a ela como um pai, uma viúva da elite poderia exercer grande poder sobre seus filhos, apesar de sua falta de *potestas* legais sobre eles. Foi por meio dos filhos, mais do que dos maridos, que algumas mulheres de alta estirpe exerceram o poder político, Agripina é um exemplo notório, assim como Cornélia Africana, a mãe dos irmãos Graco.

Ao serem excluídas de uma carreira pública, essas meninas só tinham uma perspectiva: casamento e maternidade. Embora, esperassem que elas fossem capazes de fiar e tecer, a sua educação não foi adaptada às tarefas domésticas de esposa e mãe. A partir do

final da república, meninas da elite, como regra, receberam uma educação elementar e um bom número delas seguiu parte do curso de gramática em um mesmo nível que os garotos de sua classe, durante a qual eles foram instruídos nos mesmos assuntos e a ler os mesmos autores escolares (BARBOSA, 2019, 73-74).

Algumas meninas foram instruídas nas artes liberais, especialmente matemática e filosofia. Qual foi o propósito desta educação das meninas da elite? Por que elas estavam - até certo nível - educadas da mesma maneira que os meninos, embora elas fossem excluídas de uma carreira pública? Apesar de algumas meninas possuírem o conhecimento da "gramática", a sua educação geralmente não chegou ao estudo da retórica. Como consequência, os seus conhecimentos de prosa e oratória eram geralmente escassos, enquanto a sua familiaridade com a poesia e - para as mais amplamente educadas - com as artes liberais pode ser considerável (HEMELRIJK, 1999).

Algumas mulheres da elite voltaram para os temas que haviam sido ensinadas durante sua juventude e continuaram seu estudo da poesia, matemática ou filosofia. Essas mulheres educadas não eram universalmente admiradas na sociedade romana, onde a opinião sobre elas variou de idealização da *puella docta* ao desdém para com a literata 'intolerável'. Hemelrijk (1999, 11-12) questiona como esses sentimentos contraditórios podem ser explicados. Existe alguma evolução no julgamento feito às mulheres educadas na sociedade romana? Segundo a autora, havia em especial, alguns objetivos na educação das mulheres de elite. A necessidade de uma "educação moral", "o ideal da maternidade educada", onde se expressa os ideais de educação da mulher conforme as fontes literárias, principalmente os escritos de filósofos morais e senadores conservadores do período imperial, em que ressaltam os efeitos benéficos da educação sobre a moral das mulheres e o cumprimento de seu papel tradicional de esposa e mãe. Além desses objetivos, as fontes moralizantes valorizam "o papel social da matrona de elite" e a "educação como um sinal de status social".

A ênfase nas qualidades morais é encontrada em muitos textos antigos que tratam da educação. A instrução moral desempenhou um papel importante na educação romana, tanto de meninos quanto de meninas: por preceitos, através da leitura e cópia de poesias, aos alunos eram ensinados a *virtus* como auto-controle, amor e respeito pelos pais, altruísmo, a prudência e veracidade. Em particular, as qualidades de "adulto" foram recomendadas, como

se depreende da ocorrência frequente do tema do *senex puer* em inscrições laudatórias. As crianças, especialmente aquelas que morreram prematuramente, são elogiadas por suas qualidades intelectuais e comportamento maduros. Eles são retratados como se tornariam se tivessem sobrevivido, e isso fez a sua perda o mais angustiante.

Ao tratar da educação das meninas da elite romana e península itálica, é necessário tomar cuidado para não generalizar tal comportamento, levando à ideia de que elas formariam um grupo homogêneo e imutável. Da mesma forma, não podemos assumir que as mudanças na educação romana que ocorreram no curso do tempo tenham afetado meninas da mesma forma como os rapazes da elite. No final do primeiro século A.E.C., o estilo grego da educação tornou-se moda entre a elite urbana e o número de meninas educadas para além do convencional, teve aumento constante. Devido à riqueza, posição social de suas famílias e à sua residência na capital, meninas de famílias senatoriais tiveram como regra, as melhores chances de receber uma boa educação literária, mas em todo o caso, um casamento precoce poderia provocar o fim dos estudos, deixando-os a meio caminho através de seu curso de gramática. Assim, para se tornar plenamente educada, uma menina teria que continuar sua educação além do seu casamento.

A história nos traz o exemplo de Cornélia, a filha de Cipião Africano, criada no contexto do Círculo dos Cipiões. Sua educação completa não a impediu de levar a cabo suas tarefas femininas tradicionais: o casamento e a maternidade. Em torno de 175 A.E.C. ela se casou com Tibério Semprônio Graco, que era muitos anos mais velho que ela. Eles tiveram doze filhos, a maioria dos quais provavelmente morreu em uma idade adiantada. Nós não sabemos quase nada de sua vida conjugal, que durou até a morte de Graco em torno de 154 A.E.C. Consequentemente, não sabemos se Cornélia continuou estudando durante seu casamento. Na verdade, ela veio à tona apenas como uma viúva. Nas fontes antigas ela é elogiada como a viúva exemplar, que optou por não se casar novamente, mas dedicou sua vida à memória de seu marido e à educação dos seus filhos. Três de seus filhos cresceram até à maturidade: a filha Semprônia, cuja educação foi quase concluída no momento da morte de seu pai e que se casou logo depois, e seus dois filhos famosos, Tibério e Caio, um com nove anos de idade na época, o outro era um bebê ou estava prestes a nascer (HEMELRIJK, 1999; DIXON, 2007).

Suzanne Dixon (2007) esboça o tipo de vida que essa rica viúva levava em sua luxuosa *villa* em *Misenum*, na costa da Campânia, ao norte de Nápoles, onde atraiu os brilhantes intelectuais de sua época para educar suas três "jóias" sobreviventes, as crianças em quem ela incutiu o orgulho da família e o amor pelo novo aprendizado.

As mortes violentas de seus dois filhos no auge, transmitidas em público com a devida calma aristocrática, devem ter sido um golpe terrível para esta formidável mulher, acompanhada em seus últimos anos por sua filha, a viúva sem filhos *Sempronia*, única sobrevivente dos doze filhos de Cornélia. Ambas as mulheres foram, acredito, forças políticas de seu tempo. Ambas certamente instilaram orgulho de família e ambição política nos filhos dos irmãos assassinados (DIXON, 2007, XIV)¹.

Uma das muitas coisas que não sabemos sobre Cornélia é precisamente quando ela morreu – sabemos apenas que foi no final do segundo século A.E.C. Ela sobreviveu ao marido cerca de cinquenta anos, ao filho mais velho trinta anos e ao filho mais novo vinte. Permaneceu Semprônia, uma distinta viúva na casa dos cinquenta, guardiã da riqueza e reputação de uma herança assustadora, para garantir que as lendas da família sobrevivessem e que Cornélia fosse conhecida, como disse aos filhos que desejava ser conhecida, como “mãe de os Gracos” (DIXON, 2007, XV).

Após a morte dos filhos Tibério e Caio Graco, Cornélia, com uma idade entre 60 e 70 anos, continuou a viver fora de Roma, mas não se retirou da sociedade. Longe disso. A sua personalidade e a sua famosa hospitalidade atraíram as pessoas mais cultas da época a *Misenum*, onde a sua *villa* se tornou um centro social e cultural. Ao longo de sua velhice, ela cativou seus visitantes com anedotas sobre seu famoso pai e filhos.

Cornélia veio de uma família patrícia muito distinta e casou-se com uma família plebéia muito distinta, ambas, parte daquele pequeno grupo de nobres que dominava o governo e as magistraturas de Roma em meados da era republicana.² Ela viveu em uma época de grandes mudanças, após a derrota do cartaginês Aníbal e a expansão de Roma no Mediterrâneo oriental. Este é o período associado pelos romanos com sua crescente riqueza, luxo e cultura, características incorporadas na longa vida de Cornélia, que era uma jovem (não

¹ As traduções são de responsabilidade da autora.

² A divisão do corpo de cidadãos romanos em patrícios e plebeus foi altamente significativa no início da história de Roma, quando os patrícios monopolizaram os sacerdócios, a legislação e a justiça, mas no segundo século A.E.C. essa distinção era amplamente irrelevante. O grupo governante consistia em famílias "nobres" plebeias e patrícias que se casavam. O status de plebeu ou patrício era herdado do pai (DIXON, 2007).

sabemos dizer quão jovem) quando se casou com seu marido muito mais velho. Ela viveu até ser uma viúva idosa e distinta, conhecida não apenas por suas conexões masculinas, mas por sua própria riqueza e cultura. Ela promoveu ativamente o novo estilo helênico, tanto valorizado quanto difamado pela elite romana do final do século II A.E.C. Seus filhos se beneficiaram de sua promoção da retórica e da filosofia. As habilidades de seus filhos em falar em público - típicas do novo estilo - eram famosas, assim como o próprio estilo de prosa escrita e conversacional de Cornélia. Portanto, sabemos muito mais sobre sua vida e gostos do que o normal no caso de tais mulheres (DIXON, 2007, p. 2). É extraordinário que Cornelia tenha um lugar na história. Os registros que temos dão pouca atenção às mulheres, mesmo àquelas – como Cornélia – que pertenceram às mais ilustres famílias romanas e influenciaram a política e a cultura de seu tempo.

Sabemos que o segundo século A.E.C. geralmente não é muito bem servido com fontes históricas detalhadas e confiáveis levando em conta as sobreviventes. A maioria dos livros relevantes de Tito Lívio está perdida para nós e muitas vezes temos que recorrer à versão do *Reader's Digest* dos epitomadores. Não que Tito Lívio fosse nos contar muito sobre Cornelia – ele conta histórias sobre seu dote e noivado apenas por causa de sua relevância para a política dos anos 180 A.E.C. De fato, seu relato transmite as tensões comuns na sociedade romana da época sobre o ritmo e a extensão da mudança. Na análise de Dixon, as manifestações e debates em torno da revogação das medidas de austeridade do tempo de guerra serviram no fórum político (e na narrativa de Tito Lívio) para dramatizar essas tensões. Pela primeira vez, as mulheres não eram apenas signos invocados no discurso político, mas participantes ativas. A ideia de mulheres ilustres saindo às ruas e fazendo lobby diretamente com os eleitores do sexo masculino pode ter chocado os contemporâneos, mas fascinou os leitores modernos (DIXON, 2007, p. 9).

Segundo a autora, *lobbying*, angariação informal, "interferência" das mulheres no processo político - tudo desvirtuou, na visão dos tradicionalistas, os gloriosos catálogos de campanhas militares e o exercício elevado de cargos pelos grandes homens. Podemos ver prontamente por que os historiadores romanos deram tão pouco espaço às mulheres. Mas isso nos deixa mais intrigados do que nunca sobre a inserção de Cornélia na crônica da vida política do século II A.E.C. Por que ela se sai muito melhor do que outras mulheres de seu tempo? É porque ela era filha, esposa e mãe de homens famosos? Provavelmente. Seu pai,

Publius Cornelius Scipio Africanus, o mais velho, era famoso acima de tudo como o general que finalmente derrotou Aníbal em Zama. Ele alcançou essa vitória com a ajuda de um amigo de confiança, *Laelius*, que assumiu o comando da frota para a campanha final no norte da África. Cipião Africano foi uma grande figura e muitas vezes altamente controversa em sua época, continuamente acusado por inimigos políticos de uma série de falhas e até de crimes³. Quando foi negado um exército em seu consulado em 205 AEC, ele havia levantado um por conta própria. Ele foi um líder proeminente da mania “helenófila” que tomou conta de Roma no período após o término da Segunda Guerra Púnica em 201 A.E.C., e um líder do novo e luxuoso estilo que a acompanhava. Ele tinha imenso prestígio tanto em Roma quanto no exterior e atraiu (ou inventou) lendas que lhe atribuíram o status de herói (semi-divino), talvez até durante sua vida. Sua fama explica a proliferação de histórias sobre dotes e noivados que se aglomeram em torno de Cornélia, que se distinguia desde pequena por ser “filha de Cipião Africano”. Mas isso por si só não explica o número e a persistência de histórias ligadas à própria Cornélia durante sua vida e depois dela. Sua irmã mais velha, também chamada Cornelia, obviamente tinha os mesmos ancestrais; ela se casou com um parente distinto e gerou um filho consular, que foi fundamental na queda e morte do filho de nossa Cornélia. No entanto, ela mal aparece na tradição e certamente nunca teve o status pessoal icônico de sua irmã mais nova, Cornelia (DIXON, 2007, p. 10).

Dixon nos alerta para o fato de que os Gracos tinham seus inimigos. Assim, enquanto a própria reputação de Cornélia acabou sendo imunizada contra qualquer associação desfavorável com sua política, as informações que recebemos de autores como Apiano e Plutarco são fortemente afetadas pelas tradições políticas opostas. Assim como Cícero, cujas obras nos fornecem informações importantes e alguns detalhes sobre Cornélia, Apiano, Salústio e Sêneca foram capazes de recorrer a um acervo muito maior de fontes escritas do século II A.E.C., incluindo discursos e autores históricos ou biográficos em prosa, bem como, “textos vivos”, fontes históricas – aqueles que eram jovens na época dos Gracos, ou que eram

³ Scullard H.H. (1951) *Roman Politics 220–150*, Oxford: Clarendon: 290–303 fornece um resumo útil das fontes, questões e pontos de vista acadêmicos sobre os chamados 'juízos de Cipião' envolvendo Cipião Africano, o ancião, e seu irmão Lúcio, mas é uma área muito obscura e de pouca relevância direta para Cornélia. Sobre Africanus em geral, ver Scullard, H.H. (1970) *Scipio Africanus: Soldier and Politician*, London: Thames and Hudson., esp. 18–32 em sua lenda.

filhos, parentes ou seguidores próximos de participantes nos eventos de meados e final do segundo século e ouviram suas histórias.

É extraordinário que Cornélia tenha algum lugar na história. Os registros que temos dão pouca atenção às mulheres, mesmo àquelas – como Cornélia – que pertenceram às mais ilustres famílias romanas e influenciaram a política e a cultura de seu tempo. Contudo, as fontes antigas concordam que ela era uma esposa fiel e uma viúva exemplar que não pensaria em se casar novamente (mesmo com um rei!)⁴ E ela foi considerada por séculos como um exemplo de mãe devotada. Além disso, ela suportou o que foi considerado o golpe mais trágico do destino – a morte de suas crianças e de seus filhos adultos, que estavam entre os homens mais promissores de sua geração – sem autopiedade ou perda de controle. Os romanos admiravam esse tipo de espírito. Os elogios são extravagantes e quase uniformes, as lendas e histórias românticas e detalhadas.

Ao contrário da mãe Cornélia, que teve uma reputação inquestionável, Semprônia é retratada de forma diferente por Salústio:

Agora entre essas mulheres estava *Sempronia*, que muitas vezes cometeu muitos crimes de ousadia masculina. No nascimento e beleza, em seu marido e também filhos, ela foi abundantemente favorecida pela fortuna; ela lia bem a literatura grega e latina, era capaz de tocar a lira e dançar mais habilmente do que precisava uma mulher respeitável, e tinha muitas outras realizações que ministrava a voluptuosidade. Mas não havia nada que ela menosprezasse mais do que a modéstia e castidade; você não poderia facilmente dizer se ela poupava menos seu dinheiro ou sua reputação; seus desejos eram tão ardentes que ela procurava homens mais frequentemente do que era procurada por eles. Mesmo antes do tempo da conspiração, ela tinha freqüentemente quebrado suas promessas, repudiado suas dívidas, estado a par de assassinatos; extravagância e pobreza combinadas levaram-na rapidamente. No entanto, ela não era uma mulher de dotes medianos; ela poderia escrever versos, contar piadas, e usar uma linguagem modesta, ou meiga, ou devassa, por fim, ela possuía um alto grau de inteligência e charme (Sallustius, *Bellum Catilinae*, p. 25)

Semprônia Graco, se casou com Cipião Emiliano (*Scipio Aemilianus* - cônsul, 147 e 134 A.E.C), também conhecido como Cipião Africano menor. Não sabemos nada sobre a vida privada ou caráter de Semprônia, a não ser pela conhecida descrição feita por Caio Salústio Crispo (86 – 36 A.E.C) em *A Conjuração de Catilina* e uma rápida referência em Apiano de Alexandria (95 - 165 D.E.C) *História Romana II – Guerras Civis*.

⁴ Cornélia teria recusado o pedido de casamento do rei Ptolomeu VIII.

Conforme Smith (1890, 777), essa *gens* (*Gens Sempronia*) era muito antiga, composta de patrícios e plebeus. Um de seus membros, *A. Sempronius Atratinus*, obteve o consulado já em 497 A.E.C, doze anos após a fundação da república. Os *Sempronii* foram divididos em muitas famílias, das quais os *Atratini* eram indubitavelmente patrícios, mas todos os outros parecem ter sido plebeus. A glória da *gens Sempronia* está confinada ao período republicano. Poucas pessoas com este nome, são mencionadas sob o império (SMITH, 1890, 777).

Tem-se observado que a interpretação que Salústio fez de Semprônia serve como a contraparte feminina de seu caráter esboçado em *Bellum Catilinae*, com o qual ele ilustra a corrupção política e depravação moral entre os homens aristocráticos. Como sua caracterização de Catilina, esta invectiva é de natureza complicada. Compreende tanto elogio, quanto crítica: a ousadia masculina de Semprônia, extravagância e promiscuidade são contrastadas com a excelência de seu nascimento, casamento, filhos, beleza, educação e intelecto. No entanto, essas qualidades positivas são julgadas de forma ambígua: por um lado, a sua educação é apresentada como um sinal de seu nascimento elevado e posição social e como um complemento aos seus encantos e prestígio, mas, por outro, associando-a a frouxidão moral, Salústio coloca a educação privilegiada de Semprônia em uma luz duvidosa. Ser melhor em música, dança e conversa espirituosa do que uma mulher de sua classe deve ser, se assemelhava a cortesãs, ou a *puella docta* da poesia de amor⁵, com, é claro, um efeito demolidor sobre a sua reputação (BARBOSA, 2019).

O retrato que Salústio faz de Semprônia, com a qual ele exemplifica a perversão da mulher aristocrática, obscurece sua personalidade e comportamento real. Nunca saberemos se a moral de Semprônia foi ou não verdadeiramente “solta”. O fato de ela ser de nascimento elevado e família nobre fez seu suposto desvio das normas tradicionais apenas mais desprezíveis. Desde que eram esperados das mulheres (e homens) da elite um exemplo de comportamento moral, a sua “corrupção” causou especial ansiedade. Esta combinação de nascimento numa classe privilegiada, beleza e educação, com a depravação moral,

⁵ Nesse contexto, a “poesia de amor” refere-se à Elegia Erótica Romana, que segundo Paul Veyne é uma das formas de arte mais sofisticadas de toda a história da literatura; e também não existem muitas cuja natureza tenha sido mais desconhecida. Dois ou três decênios antes do começo da nossa era, jovens poetas romanos como Propércio, Tibulo e na geração seguinte Ovídio, decidiram cantar na primeira pessoa, com seu verdadeiro nome, episódios amorosos e relacionar esses diversos episódios a uma só e mesma heroína, designada por um nome mitológico; a partir de então os leitores passaram a imaginar os poetas e suas amantes; Propércio e sua Cíntia, Tibulo e sua Delia, Ovídio e sua Corina. (P. Veyne, *A Elegia Erótica Romana*, 1985).

especialmente licenciosidade sexual, é um tema recorrente na literatura romana (BARBOSA, 2019).

A invasão ao mundo masculino da política, têm sido tema dos estudos modernos sobre a interpretação de tais mulheres de elite, a fim de explicar os ataques sobre elas. Com a intrusão das mulheres na esfera pública foi posto em perigo a ordem estabelecida. Elas foram criticadas por meio de estereótipos sexuais ou, trocadilhos. Conforme Hillard (1992, 37-63): “uma mulher que veio a público corria o risco de ser tachada de mulher pública”. Inectiva, especialmente invectiva sexual, era comum na retórica e literatura romana e poderia ser dirigida contra homens e mulheres, geralmente adversários políticos. No entanto, *pudicitia* foi uma das licenciosidades mais devastadoras para a reputação de uma mulher do que para um homem. Desde que a transgressão das normas de uma mulher refletiu sobre a reputação dos homens com quem ela foi associada, um oponente do sexo masculino poderia ser efetivamente atacado por denegrir a reputação de seus parentes do sexo feminino ou associados. Assim, ao retratar Semprônia como uma mulher aristocrática moralmente degenerada, Salústio tanto condena o declínio moral entre a aristocracia de seus dias, como lança uma luz duvidosa sobre a conspiração de Catilina⁶.

O fato de Semprônia ser uma mulher aristocrática, limita suas ações em uma sociedade em que a mulher não era educada para ser autônoma, com liberdade de expressão, o que provocou uma visão estereotipada da educação feminina. Como demonstrado, uma habilidade muito grande na poesia, música e dança poderia prejudicar a reputação de uma mulher, comparando-a a uma cortesã ou *puella docta*. Como consequência, as mulheres educadas foram acusadas abertamente de libertinagem. Além disso, a aprendizagem era o campo dos homens, e a exibição de educação que não foi dispensada por finalidades tradicionais ou morais (como a educação das crianças ou o interesse do marido ou da família) foi considerada como uma intromissão no domínio masculino, em uma forma comparável à intrusão das mulheres no mundo da política. A crítica a tal transgressão dos limites de gênero pode assumir várias formas; no entanto, todos estão ligados direta ou indiretamente com a reputação sexual de uma mulher.

⁶ Em sua obra, *Bellum Catilinae*, Salústio acusa Semprônia de fazer parte da conspiração.

Conforme Hemelrijk (1999, 88) provavelmente não seja coincidência que a maioria das invectivas contra a mulher romana datem do final da república e início do principado, um momento de transformação e mudança de valores, quando, entre outras coisas, encontraram um maior destaque, e um poder sem precedentes, de algumas mulheres, especialmente as mulheres bem-educadas e politicamente ativas das classes superiores e da família imperial. Sátira e invectivas contra o comportamento não convencional da mulher pode ser considerada como uma defesa contra essa mudança de valores, refletindo a tensão entre a proeminência social e política das educadas mulheres da elite e a imagem tradicional da matrona romana modesta e submissa.

A outra fonte que traz informações sobre Semprônia é a obra de Apiano, como dito anteriormente. Ele nos conta que:

(...) com a morte repentina de seu marido, Cipião Emiliano, Semprônia e sua mãe Cornélia foram acusadas por alguns, de tê-lo assassinado, pois, Cipião foi encontrado morto sem ferimentos, tendo ao lado uma lápide na qual se preparava para escrever seu discurso. Seja porque Cornélia, a mãe dos Graco o atacou, para que a lei⁷ do filho (Caio Graco) não fosse abolida, e sua filha Semprônia, esposa de Cipião – “que não amava o marido nem era amada por ele por ser deformada e estéril” - a ajudaria a fazê-lo; ou também, como acreditam alguns, porque se suicidou ao ver que não seria capaz de cumprir a sua promessa. E há quem afirme que alguns escravos submetidos a torturas confessaram que estrangeiros entraram pelos fundos da casa durante a noite e eles o sufocaram, e aqueles que descobriram hesitaram em relatar o fato porque as pessoas ainda estavam com raiva dele e se alegraram com sua morte (Apiano. *Historia Romana II*, I, 20).

Como vimos, Semprônia é mencionada em dois contextos políticos: a morte repentina de seu marido em 129 A.E.C e o julgamento mencionado anteriormente. Como a morte de Emiliano sem causa óbvia ocorreu em um momento de convulsão política, logo circularam rumores sobre a possibilidade de assassinato ou mesmo suicídio. A fofoca romana geralmente se concentrava no envenenamento pela esposa em tais circunstâncias, mas a ideia de que Semprônia (e menos ainda sua mãe), poderia estar implicada não parece ter sido contemporânea. É, portanto, notável que tenha levado algum tempo antes que alguém pensasse em implicar a esposa de Emiliano, Semprônia, e sua distinta sogra. Apiano, escrevendo c.80 A.E.C, inclui o boato entre várias explicações para a morte. Embora

⁷ A lei mencionada em Apiano é a *Lex Sempronia* de Caio Graco: o senado teria que determinar todos os anos antes da eleição dos cônsules as duas províncias que os cônsules deveriam ter; mas como o *imperium* era conferido apenas por um ano, o governador tinha que deixar a província no final desse período, a menos que seu *imperium* fosse renovado (SMITH 1890, 941).

mostrando pouco interesse sério na sugestão de que essas mulheres formaram uma equipe de assassinato político mãe-filha, Apiano aproveita a oportunidade para condenar Semprônia de passagem não apenas como sem filhos, mas sem amor e sem beleza.

Pobre Semprônia. Apiano garantiu que a posteridade soubesse que ela falhou em todos os padrões importantes pelos quais as mulheres tradicionalmente são julgadas, mostrando sua vulnerabilidade. Os estudiosos clássicos mais gentis colapsam essa referência casual em *Aemilianus* tendo um "casamento infeliz", outros simplesmente ecoam Apiano ou a ignoram, de maneira clássica. O registro histórico foi mantido neste período com vigor, tanto por métodos tradicionais dentro das famílias governantes quanto dentro da nova e excitante prosa e mídia retórica que tomaram a elite romana de assalto no século II A.E.C. *Gaius Gracchus* é ocasionalmente invocado por autores posteriores como uma fonte de informação sobre histórias de família, mas Semprônia, que sobreviveu a ele por pelo menos duas décadas, é uma fonte óbvia de informação sobre o envelhecimento de Cornelia e sua corte em Miseno (DIXON, 2007, 13).

De qualquer forma, não há nenhuma evidência contra Semprônia; e se Cipião foi realmente assassinado, *Papirius Carbo* provavelmente foi o culpado (SMITH 1890, 777).

As histórias garantem liberdade às esposas, mas liberdade colocada a serviço de seus maridos. A "ousadia masculina" desprezada na Semprônia é elogiada em *Porcia* (Sallust, *Conspiracy of Catiline* 25; Plutarco, *Cato the Younger* 73,4; HALLETT, 1989, 65-67, JOSHEL & MURGHAN, 1998, 168).

Cícero falava e escrevia com a segurança de estar na posição dominante (*vir*) enquanto rebaixava e ridicularizava Clódia. Salústio fez o mesmo quando criou o esboço de Semprônia, uma apoiadora de *Lucius Sergius Catilina* (Catilina), o qual planejou um golpe de estado em 63 A.E.C, que Cícero, cônsul naquele ano, descobriu e esmagou. Na estimativa de Salústio, Semprônia cometeu muitos crimes (*facinora*), muitas vezes com audácia viril (*audácia virilis*). Semprônia era altamente educada e possuía inteligência e graça (*multae facetiae multusque lepos*), mas se intrometia na política; portanto, mesmo com atributos positivos, listados por Salústio, trabalharam contra ela. Semprônia era uma mulher casada (*mulier*), cuja única obrigação e foco, idealmente, era para com seu marido, filhos e família. Sua audácia viril, inadequada para uma mulher, só intensificou a negatividade de suas ações (TAKACS, 2008, P.20).

Estudos recentes têm retomado descrições e ou impressões dos antigos sobre mulheres como Semprônia, procurando mostrar a construção de papéis femininos por meio dos discursos masculinos dos poetas e escritores romanos. Suzanne Dixon, por exemplo, ao analisar as relações entre mães e filhas, no que diz respeito aos conflitos e interesses comuns, afirma que para os homens, essa associação pode parecer sinistra. Um boato acusou Semprônia, esposa de Cipião Emiliano de conspirar com sua mãe, Cornélia, para envenená-lo por causa de sua oposição a Caio Graco, seu irmão. Ambas as coisas são consideradas exageros fofos, mas exibem a presunção de interesse comum. Para Dixon, é difícil acreditar que um grande número de mães encorajasse filhas adúlteras ou homicidas, mas sim, haveria uma disposição geral para fornecer simpatia e assistência prática à filha (DIXON 2013, 223). Hallett (1984 45, 259), por sua vez, observa que o boato sobre Cornelia e Semprônia é interessante por supor que uma mulher casada se alinharia politicamente com sua família natal, ao invés de se aliar com seu marido.

Na análise de Antony Barrett, Salústio, talvez forneça a melhor ilustração de como a avaliação do poder de uma mulher pode ser irremediavelmente distorcida. Em seu relato da conspiração de Catilina (63 A.E.C), Salústio afirma que Catilina atraiu à sua volta várias mulheres que se endividaram por causa de sua extravagância. Esperava recrutá-las para uma variedade de propósitos, supostamente para iniciar incêndios em Roma, conquistar seus maridos para a causa ou, se isso falhasse, assassiná-los. A principal dessas mulheres corruptas era a matrona aristocrática Semprônia. Ela era linda e vinha de uma boa família. Ela também era letrada, uma conversadora espirituosa com um bom cérebro, mas ela usava seus ativos para maus propósitos e trapaceava para escapar de dívidas, além de estar envolvida em assassinato. Ela era uma mulher sem autocontrole e decência, que cometeu crimes *virilis audaciae* (de ousadia do sexo masculino). Este é um esboço de personagem contundente, mas quando examinamos a narrativa de Salústio para obter detalhes dos eventos reais, descobrimos que ele falha em atribuir a Semprônia qualquer papel na conspiração real, tendo em vista, que não é feita menção a ela em qualquer um dos outros relatos da conspiração que sobreviveram. Mais uma vez, a ampla descrição de sua personagem, totalmente sem base em exemplos concretos, parece atender ao medo obsessivo e exagerado dos danos que resultariam inevitavelmente do envolvimento das mulheres nos assuntos públicos (BARRETT 2001, p. 10).

Semprônia, ao escrever versos, foi julgada de forma negativa sendo comparada aos poetas de amor em que as *puellas* são retratadas. Para lançar luz sobre a complicada relação entre a poesia e a vida, e sobre a possível influência do louvor ou o talento poético da *puella* é adicionada uma digressão sobre a questão de saber se a *puella* da poesia de amor foi descrita para retratar indivíduos reais ou fictícios (HEMELRIJK, 1999, 74).

Salústio provocou uma ambiguidade em termos de habilidade para escrever versos, à medida que retratou Semprônia em sua obra. Entre suas realizações, seu retrato complexo põe seu talento em uma luz duvidosa, associando-a com uma vida de luxo e libertinagem sexual. Uma vez que não temos nenhuma outra evidência de Semprônia, é difícil distinguir a realidade da ficção, concebida como uma mulher bem-educada de uma família erudita, não seria surpreendente se ela realmente escrevesse versos, os quais devem ter circulado já que Salústio sabia deles. Salústio retrata os seus talentos em poesia, música e dança, porém, de forma mal-intencionada de modo que foram apresentados como semelhantes aos da cortesã bem-educada (BARBOSA, 2019, 81).

Há uma semelhança notável entre o retrato de Semprônia e Clódia Metelos na obra de Salústio e Cícero e as *puellae* literárias, como a Lésbia de Catulo e Cynthia de Propércio ou a Corina de Ovídio. No entanto, foram julgadas de formas diferentes: a vida não convencional de Semprônia e Clódia Metelos, a qual provoca um conflito com os padrões tradicionais, foi usada por Salústio e Cícero para lançar dúvidas sobre sua moral, considerando que um comportamento semelhante e realizações comparáveis ganharam louvores de seus poetas amantes na poesia de amor. Se é difícil descobrir a verdade histórica sobre Semprônia, em seu retrato literário feito por Salústio, a incerteza é maior com as *puellae* dos famosos poetas de amor da república tardia e o período de Augusto.

Percebe-se que as mulheres educadas causaram sentimentos mistos variando de admiração à aversão. Ao nos concentrar em sentimentos negativos, três tipos de interpretação podem ser distinguidos: mulheres educadas foram acusadas de depravação moral e licenciosidade sexual; a educação foi pensada para levar a ostentação e pretensão; e, em terceiro lugar, ela fez as mulheres intrometidas e pedantes, e, portanto, insuportáveis - especialmente aos seus maridos. É claro, os estereótipos, injúrias e descrições satíricas de mulheres instruídas não podem ser usados como provas de como estas mulheres eram

realmente, mas eles podem ser utilizados como uma fonte para a opinião do autor do sexo masculino, e talvez para parte do seu público, de mulheres educadas (BARBOSA, 2019, 82).

Deve-se levar em conta, no que diz respeito ao contexto tratado, o fato da sociedade romana estar sendo helenizada ligando estas mulheres à uma educação grega nas classes superiores de Roma. Isto é comprovado ao nos referirmos à primeira mulher romana famosa por sua educação: Cornélia, a mãe de Semprônia, Caio e Tibério Graco, a qual provinha de uma família rica em cultura grega.

Como dito anteriormente, o pai de Cornelia, *Publius Cornelius Scipio*, chamado *Africanus* em homenagem à sua conquista e derrota de Aníbal, foi o mais famoso dos muitos grandes generais que se destacaram na longa Guerra Púnica. Ele também foi um dos principais proponentes do novo estilo de luxo e cultura, um dos primeiros a associar a *villa* a uma vida de cultura e contemplação. Sua esposa *Aemilia*, filha de outro grande general, tornou-se famosa pelo esplendor de sua equipagem que seu séquito de escravos carregava para a realização de ritos religiosos, para admiração de outras mulheres (DIXON, 2007, 33):

Era o jeito de *Aemilia*... para criar um espetáculo magnífico sempre que partisse nas procissões religiosas das mulheres como uma marca de sua parte na vida e realizações de *Africanus* no auge de sua boa fortuna. Além de suas próprias roupas e a decoração de sua carroça, todos os utensílios para as cerimônias, incluindo cestas e cálices rituais, eram de ouro e prata. E eles foram carregados por sua comitiva pessoal enquanto ela fazia seu progresso majestoso em público nesses festivais – para não mencionar uma enorme multidão de pajens e criadas que caminhavam ao lado e em seu trem nessas grandes ocasiões. (Políbio 31.26.3-4)

Mas, enquanto muitos da nobreza abraçaram as novas oportunidades, outros, que viam a mudança com genuína desconfiança, ou simplesmente viam uma boa oportunidade para explorar a sempre presente costura política de conservadorismo e xenofobia, representaram a mudança em termos de invasão cultural e declínio moral. *Marcus Porcius Cato*, conhecido como "o ancião" ou "censor", era o automeado guardião da tradição. Ele liderou a resistência à nova cultura e luxo que alterou seu mundo ao longo de sua longa vida (234-149 A.E.C). Ao contrário de seus grandes contemporâneos – *Lucius Aemilius Paulus*, *Tiberius Sempronius Gracchus* (sênior), *Publius Scipio Africanus* o mais velho - Catão não nasceu na elite política, mas suas habilidades indubitáveis garantiram grandes patronos que promoveram sua carreira. Na época em que Aníbal foi expulso da Itália, Catão havia conquistado honras militares e se tornado uma força política. Ele alcançou o consulado em

195 e a censura em 184, ano do nascimento de Cipião Emiliano, quando Cornélia era uma garotinha, provavelmente educada em casa por tutores gregos que nutriam as habilidades literárias e de conversação pelas quais ela se tornaria famosa (DIXON, 2007; HEMELRIJK, 1999, 24).

Cipião Emiliano e Cornélia eram, portanto, filhos da nova era, totalmente bilíngues desde tenra idade em suas leituras e composições gregas, bem como em sua fala. Ambos foram defensores dedicados e proeminentes do novo estilo em todos os seus aspectos: filosofia, literatura, culinária e artes visuais e decorativas. Na ocasião do saque por seu pai biológico (o grande general *Lucius Aemilius Paulus*) à rica sede do rei macedônio em 168 A.E.C, o adolescente *Aemilianus* foi direto para a biblioteca real para saqueá-la. Em contraste, Catão se vangloriava de sua falta de grego e fabricava uma persona pública que exagerava sua rusticidade e transformava em virtude suas origens relativamente humildes. Claro, ele não era um homem inculto, mas sim um impressionante orador público, um autor espirituoso de quem foi dito que 'a prosa latina foi sua própria criação'⁸.5 Em sua rixa política com os Cipiões (inicialmente com o futuro marido de Cornelia, *Tiberius Sempronius Gracchus* sênior), Catão empregou a linguagem da guerra moral. As acusações de corrupção, decadência, efeminação e "vida grega" que ele dirigiu contra o pai de Cornelia, *Africanus*, e seu tio, *Lucius Scipio*, seriam recicladas para outros inimigos e generalizadas para uma sociedade romana sob cerco cultural de suas conquistas militares (DIUXON, 2007, 35)

Os discursos e ditados de Catão não foram a única razão pela qual o tema do declínio moral se tornou tão firmemente incorporado na oratória e na literatura romanas. Todas as mudanças são perturbadoras e esses desenvolvimentos ocorreram contra as demandas contínuas de mão de obra da população para a guerra estrangeira, combinadas com pressões sobre a agricultura de pequena escala. As batalhas políticas sobre o serviço militar e o direito a concessões de terras e graus de cidadania foram intercaladas com tentativas intermitentes de regular a mudança cultural e moral. Ao longo deste século, as ansiedades provocaram reações exageradas intermitentes a alvos como religiões "estrangeiras", teatro, filosofia, extravagância e acesso das mulheres à propriedade e símbolos de status. Essas tendências também definem o tom para as eras futuras. Mesmo no primeiro século A.E.C, quando o

⁸ Horsfall 1989: 54. Catão aprendeu grego mais tarde (Plut. Cat.mai.2.4; Vida de Cornelius Nepos 3.1–2). O comentário e discussão de Horsfall (passim de 1989) sobre os fragmentos de Catão é muito mais informativo e inteligente do que o de Nepos.

estudo em Atenas ou Rodes se tornou um estágio normal na educação dos jovens da elite romana, a ambivalência sobre a cultura grega e a defesa sobre a vida contemplativa ou intelectual permeava a literatura romana. A justaposição do contemplativo versus a vida ativa, luxo versus austeridade, aprendizado grego versus cultura romana/italiana tradicional foi jogado em muitos locais. Catão, por um lado, e *Aemilianus* e Cornélia, por outro, são dispositivos convenientes para esta discussão.

Embora contestado por alguns, a exemplo de Catão, a aprendizagem grega trouxe prestígio no momento, desde que fosse mantida dentro dos limites da dignidade aristocrática e subordinada a obrigações para com o Estado. Foi bastante incomum para uma mulher do seu tempo receber uma extensa educação, mas os membros das principais famílias de Roma, provavelmente, tiveram mais liberdade para desviar da convenção social e para iniciar novas modas do que pessoas de nascimento menos elevado. Podemos suspeitar que considerando a posição social de Cornélia, as restrições impostas às mulheres convencionais foram anuladas: como um membro de uma família da mais alta nobreza que tinha de manter o prestígio da família, sua educação, provavelmente serviu a este fim. Em tempos tardios o parecer sobre Cornélia sofreu mudanças notáveis. Os "aspectos" helenizantes de sua vida (seu patrocínio pelos estudiosos gregos, sua familiaridade com helenistas e seu grande estilo de vida) são mencionados apenas por Plutarco (HEMELRIJK, 1999), enquanto autores romanos da república tardia e início do principado idealizam a pureza latina e sua maneira sóbria e digna de viver. No processo de idealização, sua educação foi feita subserviente a de seus filhos: ela foi idealizada como um modelo de maternidade e um modelo de virtude romana.

Partindo das questões apresentadas, pretende-se sugerir um novo olhar para a história das mulheres na antiguidade, levando em conta seu nascimento e influência cultural, bem como, outros fatores de discriminação próprios do seu contexto histórico. Neste sentido, a articulação de fatores de discriminação, utilizada nos estudos antropológicos, vem mostrar novas possibilidades de interpretação e entendimento de uma história até então, escrita por homens. Ao contrário da mãe Cornélia, Semprônia, devido ao seu "empoderamento", pelo fato de ter uma educação privilegiada e uma atitude independente no que diz respeito às suas manifestações, despertou a crítica na sociedade do período, provocando uma imagem estereotipada e sentimentos confusos por parte de autores como Salústio e Apiano.

Na análise de Batliwala, a característica mais conspícua do termo empoderamento está na palavra “poder”, definido por ela como “controle sobre recursos materiais, intelectuais e ideologia” (1994, 129). Segundo a autora, o poder decisório emana do controle sobre esses recursos, que tem estado, em grande parte, sob o controle masculino. Contudo, nós, mulheres nunca fomos totalmente desempoderadas, mesmo quando as ideologias patriarcais conseguiram minar essas tentativas. Desta forma, ressaltamos os sentimentos mistos que as mulheres educadas e “empoderadas” com participações políticas e administrativas ativas em suas sociedades, causaram em seus contemporâneos variando da admiração à aversão.

FONTES

APIANO. *Historia Romana II: Guerras Civiles*. Libros I – II. Tradução de Antonio Sancho Royo. Madrid: Editorial Gredos, 1985.

POLÍBIO. *História Pragmática*, Livros I a V. Tradução de Breno Battistin Sebatiani. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2016.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas*. Domínio Público.

SALÚSTIO. *A Conjuração de Catilina*. Tradução de Adriano Scatolin. São Paulo: Hedra, 2016.

SALLUSTIUS. *Bellum Catilinae*. Edited, Introduction and Commentary, by J. T. Ramsey. Oxford: Oxford University Press, 2007.

SALLUSTIUS. *Bellum Catilinae*. Trad. J. C. Rolfe. Cambridge: Harvard University Press, 1955.

SÊNECA, *Epístolas*, 95,20-1. Tradução de C. Edwards. *The Politics of Immorality in Ancient Rome*, Cambridge: Cambridge University Press.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Renata C. Gênero, Identidade e Liberdade: A Influência da Cultura Helenística na Educação das Mulheres Romanas. In: FUNARI, P. P. A. & MARQUETTI, F. R. *Autorretrato: gênero, identidade e liberdade*. Londrina: Eduel, 2019, pp: 67 – 86.

BARRETT, A. A. A. *Agrippina: Sex, Power, and Politics in the Early Empire*. London: Routledge, 2001.

BATLIWALA, S. (1994). The meaning of women’s empowerment: new concepts from action. In: SEN, G.; GERMAIN, A.; CHEN, L. C. (eds.), *Population policies reconsidered: health, empowerment and rights*. Boston: Harvard University Press, 1994, pp.127-138.

CRENSHAW, Kimberlé W. Demarginalizing the intersection of race and sex; a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*. Chicago: 1989, pp. 139-167.

DIXON, Suzanne. *Cornelia Mother of the Gracchi*. London/New York: Routledge, 2007.

DIXON, S. *Roman Mother*. N Y: Routledge, 2013.

HALLETT, J. *Fathers and daughters in Roman Society: women and the elite Family*. Princeton University Press: Princeton, 1984.

HEMELRIJK, Emily A. *Matrona Docta: Educated women in the Roman élite from Cornelia to Julia Domna*. London and New York: Routledge, 1999.

HILLARD, T. On the stage, behind the curtain: images of politically active women in the late Roman republic. In: GARLICK, B.; DIXON, S.; ALLEN, P. (eds) *Stereotypes of women in power: historical perspectives and revisionist views*. New York: Greenwood Press, 1992, pp: 37-63.

JOSHEL, Sandra R., MURNAGHAN, Sheila. *Women and slaves in Greco-Roman culture: Differential equations*, N. Y: Routledge, 1998.

PEREIRA, M. H.R. *Estudos de história da cultura clássica II*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, v.11, n.2, jul/.dez. 2008. p. 263 a 274.

RIOS, F. & SOTEROB, E. Gênero em perspectiva interseccional. *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP, 2019, 26 (1), p. 1-10.

SARDENBERG, Cecilia M. B. *Liberal vs Liberating Empowerment: Conceptualising Women's empowerment from a Latin American feminist perspective*. Brighton: IDS: Pathways of Women's Empowerment, Pathways Working Paper 7, July 2009.

SMITH, W. *Dictionary of Greek and Roman biography and mythology*. Vol. III. London: Oarses-Zygia, 1890.

TAKACS, Sarolta A. *Vestal virgins, sibyls, and matrons: Women in Roman Religion*. Austin: University of Texas Press, 2008.

VEYNE, Paul. *A elegia erótica romana*. O amor, a poesia e o ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1995.